

educação e democracia

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 14 • 2014

EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTIVA NA  
DÉCADA DE 1920:  
DA EDUCAÇÃO INTEGRAL  
À REPRESENTAÇÃO NACIONAL  
– O EXEMPLO DO FUTEBOL

César Rodrigues

**César Rodrigues**, Mestre em História Contemporânea, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Investigador do CEIS20. Membro do Grupo História e Desporto – IHC/UNL-CEIS20/UC.

## Introdução

A educação física e o desporto mereceram, desde o século XIX, a atenção dos Estados como forma «de militarização da “sociedade civil”, de educação da juventude, de disciplina dos corpos, de higienização médica e de propaganda nacionalista».<sup>1</sup> Simultaneamente, o exercício do corpo seria paulatinamente associado a uma componente da educação física como contraponto à educação mental.

Até ao final dos anos 20, alguma imprensa insistia na educação física como instrumento de «socialização e controlo das classes trabalhadoras» que permitia melhorar «as capacidades físicas e morais da nação».<sup>2</sup>

A educação física permitia também dar visibilidade a determinadas visões de homem e de mundo: «A superioridade revelada no campo desportivo era – e por vezes ainda é – um sinónimo de superioridade de uma civilização ou, ideia infame, de uma raça».<sup>3</sup>

O desporto poderia representar a afirmação de uma sociedade como, no caso português, sucederia através do Torneio Olímpico de Futebol em Amesterdão, em 1928. Esta investigação pretende aferir de que forma a educação física e desportiva era tida em consideração dentro da dimensão da educação integral e enquanto fator de representação territorial. Ter-se-á por base o discurso da imprensa desportiva no final da década de 1920.

A escolha da imprensa como instrumento de análise deve-se ao facto de a representação do mundo estar intimamente ligada à perceção fornecida pela comunicação social. As pessoas tendem a formar as suas impressões a partir dos órgãos de informação podendo adotar as interpretações dos jornalistas, transformando a comunicação social numa influência poderosa sobre a opinião pública.<sup>4</sup>

Assim, o recurso particular à imprensa advém do facto de esta parecer ter funcionado como um dos veículos para o reconhecimento social da importância da educação física e desportiva.

O presente texto tem como baliza temporal de investigação o ano de 1928, tendo sido analisadas as edições do jornal *Os Sports*<sup>5</sup> do referido ano e, em particular, os artigos do jornalista Neves Reis, no citado periódico.

---

<sup>1</sup> NEVES, José; DOMINGOS, Nuno – Uma História do Desporto em Portugal – Corpo, Espaços e Média. Vol. I. 1ª ed. Vila do Conde: QuidNovi, 2011. ISBN 978-989-544-887-3. p. 9.

<sup>2</sup> KUMAR, Rahul – “Da Bancada aos Sofás da Europa – Apontamentos sobre os Média e o Futebol no Século XX Português”. In NEVES, José; DOMINGOS, Nuno – A Época do Futebol. O Jogo Visto Pelas Ciências Sociais. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004. ISBN 972-37-0908-2. p. 235.

<sup>3</sup> GARCIA, Rui Proença – “De um Desporto sem Ideologias para Um Desporto com Ideias”. In BENTO, Jorge Olímpio; CONSTANTINO, José Manuel (Coord.) – O Desporto e o Estado – Ideologias e Práticas. Lisboa: Edições Afrontamento, 2009. ISBN 978-972-36-1024-6. p. 310.

<sup>4</sup> Cf. GRABER, Doris – “Mediated Politics and Citizenship in the twenty-first century”. *Annual Review of Psychology*. Vol. 55. 2004. p. 545-571.

<sup>5</sup> O periódico, com sede em Lisboa, esteve em atividade de 1919 a 1945. No período analisado, o jornal *Os Sports* era propriedade do *Diário de Notícias*.

O jornal *Os Sports*, inicialmente trisemanário, passaria, em 1928, a bissemanário, apresentando o subtítulo “A maior tiragem e expansão de todos os jornais desportivos portugueses”. A escolha deste periódico, de entre os restantes jornais desportivos da época, deriva da sua maior implantação nacional, assente numa «posição de liderança no jornalismo desportivo da Capital e do próprio país».<sup>6</sup>

Pretende-se, assim, captar as abordagens, os conteúdos e os discursos das peças jornalísticas sobre a importância da educação física e desportiva e de que forma eram levados ao público, no referido período. As peças analisadas usufruíram, na sua generalidade, destaque de primeira página, o que terá contribuído para um maior impacto das mesmas junto dos seus leitores.

### A prática desportiva no final da década de 1920

No início do ano de 1928, Neves Reis fazia referência a um relatório da secção de Educação Física da Sociedade de Geografia que indicava um decréscimo da robustez dos portugueses e o perigo que tal resultado representaria, inclusive, para a colonização do Ultramar, por falta de uma raça vigorosa para resistir nesses domínios.<sup>7</sup>

Este jornalista demonstrava apreensão pela aparente ausência de preocupação por parte das autoridades portuguesas relativamente à vertente física do seu povo. Colocava em causa a ideia de que Portugal seria um país agrícola e de colonizadores pois, por falta de um povo são, faltar-lhe-ia produção agrícola e matéria-prima colonizadora. Pela gravidade da realidade física dos portugueses, seria necessário «pensar a sério – mas muito a sério – na educação física da mocidade... andamos há longos anos a proclamá-lo na imprensa».<sup>8</sup>

Nesta perspetiva, a vertente física deveria estar associada a aspetos pedagógicos, médicos e sociais.

Neves Reis criticava também a ausência efetiva da ginástica nas escolas, pois podia existir «muita coisa no papel, mas nada se vê de prático. A ginástica escolar não existe de facto.... Compete aos governos tomarem medidas que possam obstar à degradação da raça. Urge que se estabeleça a educação física nas escolas».<sup>9</sup>

Apesar destas críticas, no final da década de 1920, e posteriormente no Estado Novo, a ginástica tornar-se-ia a sustentação da educação física, sendo inclusive fomentada entre os trabalhadores, sob a perspetiva de que o desporto «serviria como forma de regulação social que precavesse conflitos laborais» ao mesmo tempo que «concorreria para tornar o trabalhador um fator de trabalho mais saudável e eficiente».<sup>10</sup>

---

<sup>6</sup> PINHEIRO, Francisco – História da Imprensa Desportiva em Portugal. Porto: Edições Afrontamento, 2011. ISBN 978-972-36-1140-3. p. 190.

<sup>7</sup> Neves Reis, *Os Sports*, 25 de janeiro de 1928, p. 1.

<sup>8</sup> Idem, ibidem, p. 1.

<sup>9</sup> Idem, ibidem, p. 1.

<sup>10</sup> DOMINGOS, Nuno – “O Gesto no Jogo”. In NEVES, José; DOMINGOS, Nuno – A Época do Futebol. O Jogo Visto Pelas Ciências Sociais. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004. ISBN 972-37-0908-2. p. 309.

Se o foco se encontrava na importância da educação física e na necessidade da inclusão da ginástica nas escolas primárias, não eram esquecidas outras vertentes que auxiliariam para a melhoria da saúde dos portugueses, como a boa assistência infantil. Ao mesmo tempo, o Estado era o alvo maior das críticas devido à elevada mortalidade infantil verificada em Portugal. Afirmava-se que o Estado não promovia o auxílio às crianças do país, pelo que se «a frequência da escola fosse verdadeiramente obrigatória e a instrução infantil estivesse convenientemente organizada, com as respetivas sessões de educação física e uma inteligente assistência higiénica e médica»,<sup>11</sup> os resultados seriam mais favoráveis.

Efetivamente, nesta época, a falta de robustez física era agravada pelos, ainda, incipientes hábitos de higiene pessoal e pela subnutrição da maioria das crianças.

Deste modo, pretendia-se que a escola fosse, cada vez mais, o local por excelência da educação mental, mas também física, alimentar e higiénica. Defendia-se que a escola deveria ser projetada com infraestruturas transversais de apoio, incluindo balneários e assistência médica.

Reconhecia-se, porém, que tais condições requereriam um grande investimento estatal, mas tal não deveria ser impeditivo, pelas suas vantagens, de serem colocadas em prática: «O tesouro da nação terá que gastar muito dinheiro para debelar o mal? Que importa... Não se gaste tanto com outras cousas menos úteis. A não ser assim, Portugal parecerá, dentro de breves anos, de norte a sul, um verdadeiro hospital ou um asilo de inválidos».<sup>12</sup>

Neves Reis socorrer-se-ia também das estatísticas militares referentes ao recrutamento para o exército e a armada, entre 1921 e 1925, para reforçar a sua tese da decadência da robustez da raça. Nesse período, 36 por cento dos inscritos não se apresentaram nas Juntas de Inspeção, o que seria interpretado como sinal de «ausência de educação cívica» do povo e revelador de que «a crise nacional é sobretudo uma crise de educação».<sup>13</sup>

A estatística revelaria que, dos mancebos inspecionados, cerca de 63 por cento eram declarados incapazes por ausência de vigor.

O elevado número de inaptos, descontando-se o número residual de isentos apurados através de “ordens superiores” – número também diluído nos mancebos considerados aptos e depois encaminhados para os hospitais militares – «em 1926, os hospitais militares acusaram 388 tuberculosos e 1730 sífilíticos», permitia concluir que «50 por cento, pelo menos, dos portugueses, são inválidos, doentes ou tarados».<sup>14</sup>

## A educação física como dever estatal

Nesta visão, a educação física surgia como um dever do Estado e como requisito prévio ao bom desenvolvimento da população, mas também do país. A nação, e a sua

---

<sup>11</sup> Neves Reis, *Os Sports*, 8 de fevereiro de 1928, p. 1.

<sup>12</sup> Idem, *ibidem*, p. 1.

<sup>13</sup> Idem, *ibidem*, 9 de abril de 1928, p. 1.

<sup>14</sup> Idem, *ibidem*, p. 1.

reorganização, dependeria do vigor do seu povo, «porque as nações reorganizam-se pelo trabalho, e para que o trabalho seja profícuo e perfeito, é indispensável haver saúde».<sup>15</sup>

Efetivamente, de forma lenta, vários Estados começavam a reconhecer as valências da prática desportiva, pelo que «a educação física significou, em grande medida, a recondução do fenómeno desportivo à educação estatal».<sup>16</sup>

A ideia de que o desenvolvimento dos Estados estaria intimamente ligado à educação física seria confirmada pelo pedagogo Faria de Vasconcelos, ao afirmar que sem «saúde, sem vigor, sem equilíbrio físico, não há equilíbrio mental, trabalho cerebral produtivo e proveitoso».<sup>17</sup>

Deste modo, desenvolver as condições necessárias ao favorecimento do exercício físico tornava-se obrigação de qualquer Estado empenhado nos bons desígnios do seu país. Uma boa cultura física seria, assim, sinónimo de desenvolvimento e de produtividade de uma nação.

Para ilustrar a relevância da educação física seria utilizado o exemplo sueco. O progresso alcançado pela Suécia através do investimento no exercício físico atestava a importância da robustez física: a altura média dos suecos teria aumentado 3 centímetros – de 167 para 170 – entre 1841 e 1890 e esperança média de vida ampliou de 41 anos e meio para os 50 anos.<sup>18</sup>

A apreensão com a condição física da população não era exclusiva de alguns portugueses. Também o francês Pierre Dominique demonstrava preocupação pela crise de robustez dos seus compatriotas, afirmando que sem franceses não existiria França, pelo que a primeira preocupação de um governo «seria o de conservar, manter e desenvolver o que se pode chamar a carne francesa. O corpo francês».<sup>19</sup>

Alertava-se, simultaneamente, para a necessidade de iniciar uma “política de saúde pública” tanto em França, como particularmente em Portugal. Seria preciso enquadrar e atuar, de forma abrangente, em três aspetos: «o pedagógico, o médico e o social – educação física, profilaxia, leis de proteção».<sup>20</sup>

A falta de uma alimentação e habitação condignas também concorreriam para a ausência de fortaleza da raça portuguesa. À escassez alimentar haveria de aludir, sem rodeios, o médico Brito Camacho, ao referir que possivelmente «a apatia intelectual e moral» dos portugueses poderia derivar «de não termos bastante pão na carne e bastante carne na cozinha».<sup>21</sup>

Assim, outras precauções de cariz social deveriam ser chamadas para, conjuntamente, com a «ginástica e a educação física, a prática racional e fiscalizada dos desportos» contribuir para «fazer subir o coeficiente de robustez dos portugueses».<sup>22</sup>

---

<sup>15</sup> Idem, *ibidem*, 20 de abril de 1928, p. 1

<sup>16</sup> NEVES, José; DOMINGOS, Nuno – Uma História do desporto em Portugal..., p. 9.

<sup>17</sup> Neves Reis, *Os Sports*, 20 de abril de 1928, p. 1.

<sup>18</sup> Cf. idem, *ibidem*, p. 1.

<sup>19</sup> Pierre Dominique, cit. in idem, *ibidem*, p. 1.

<sup>20</sup> Neves Reis, *Os Sports*, 20 de abril de 1928, p. 1.

<sup>21</sup> Brito Camacho, cit. in *ibidem*, 3 de agosto de 1928, p. 1.

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 1.

Sublinhava-se a ideia de que sem uma aposta na robustez física dos portugueses perder-se-ia Portugal e, pelo contrário, seria pela sua robustez que o país se conseguiria afirmar entre os povos.

Estas considerações, sobre a importância da cultura física, surgiam num período em que, apesar dos contratempos, o exercício físico e desportivo ganhavam cada vez mais adeptos em Portugal.

### Educação física e espírito desportivo

Na perspectiva de inculcar na população uma cultura desportiva, esta teria de passar por uma instrução escolar e extraescolar, favorável também ao desenvolvimento moral e intelectual dos portugueses. O governo deveria ter como prioridade colocar nas suas mãos esta «útil e patriótica tarefa» e, ao fazê-lo, criaria os alicerces do renascimento nacional, resultando desse processo «O PORTUGAL MAIOR... como que por encanto, digno das suas tradições históricas e da missão que lhe compete no mundo».<sup>23</sup>

Acreditava-se que, se educada no bom espírito desportivo, a nova geração, a quem seria confiado o país, estaria melhor preparada para desempenhar a sua função de desenvolver Portugal, nas suas diferentes áreas e funções desde a administração da “coisa pública” até à iniciativa privada.

Tornava-se fulcral criar na geração jovem que despontava uma «consciência desportiva» que representaria a regra, o método e o espírito de sacrifício, sintetizadas na «disciplina», características fundamentais para um país que se debatia na desordem «intelectual e material», reflexo de um povo de «irreverentes e insubmissos» a quem faltava «o espírito da ordem».<sup>24</sup> Estas afirmações aludiam à realidade política que se vivia no país, devido à instabilidade decorrida durante a 1.ª República e ao período de Ditadura Militar em que Portugal se encontrava.

A educação física concorreria, deste modo, para o desenvolvimento moral dos portugueses, mas também para a melhoria do autocontrolo, da atenção e do espírito de iniciativa, carências que poderiam ser amenizadas ou mesmo anuladas pela prática e conduta associada aos desportos coletivos.<sup>25</sup>

A prática desportiva tornar-se-ia sinónimo da educação integral do indivíduo, de trabalho produtivo e de progresso pessoal e comunitário. A educação física permitiria o «ressurgimento da nação» na direta proporção «do trabalho dos portugueses», pelo que quanto mais robusta se tornasse a população portuguesa, maior trabalho, produtividade e riqueza adviria para o país, conseguindo-se uma reabilitação económica em «consequência do rendimento do trabalho das classes produtoras».<sup>26</sup>

---

<sup>23</sup> Neves Reis, *ibidem*, p. 1.

<sup>24</sup> *Os Sports*, 3 de setembro de 1928, p. 1.

<sup>25</sup> Cf. *ibidem*, p. 1.

<sup>26</sup> *Ibidem*, 3 de agosto de 1928, p. 1.

Esta defesa da ordem e da disciplina inseria-se numa retórica discursiva transversal a vários países, resultado de uma época com diversas transformações políticas e sociais que se viviam entre as duas grandes guerras.

Em França, por exemplo, Lucien Romier, no livro “Nation e Civilization”, também haveria de associar o desequilíbrio francês à ausência da ordem e da prática desportiva à sua defesa. Segundo Romier, a nova geração desportiva estaria imbuída das «regras para raciocinar», uma vez que «o amor da disciplina e o desprezo pela desordem caracterizam a nossa mocidade desportiva. Tem já a sua moral. (...) São sectários da regra, do esforço e da razão. São moralistas».<sup>27</sup>

Acreditando que parte da responsabilidade pelo definhamento do país residia na desordem e no individualismo, interrogava-se se os jovens deveriam ser educados através de uma rígida cultura física «pondo-os fora de todo o esforço intelectual? Nada disso. Mas é preciso dar-lhes muito mais espírito de ordem do que aquele que nos foi legado».<sup>28</sup> Defendia, desta forma, a educação da ordem através da educação física, mas sem menosprezar a educação intelectual. Seria necessário educar a nova geração para que a mesma não sofresse de indisciplina, criando-lhes as qualidades «que nos faltaram para a luta da vida. O país precisa de trabalho ordenado».<sup>29</sup>

O discurso utilizado associaria a cultura física a uma componente intelectual e, ao mesmo tempo, necessária para uma eficaz representação nacional. A prática desportiva adquiria, portanto, um potencial educativo, formativo e unitário.

Apesar do seu objetivo educativo, não raras vezes, surgiam ecos de acontecimentos desportivos que colocavam em causa o seu valor moral. Tais ocorrências seriam ferozmente criticadas na imprensa, por desvirtuarem a essência desportiva.

Verificava-se, assim, uma preocupação de educar a população para uma saudável cultura física onde seria importante disciplinar o músculo, mas «também a vontade. Essa é a dupla função do desporto», pois a desordem, em desporto, seria a «negação, pura e simples, do espírito desportivo».<sup>30</sup>

A preocupação com a vivência do verdadeiro espírito desportivo não era um exclusivo português. No caso francês, Marcel Berger, jornalista desportivo, publicara em 1927 um artigo onde também criticava a falta de elevação que, por vezes, se verificava nas competições físicas e desportivas. Ao mesmo tempo que reconhecia a vontade legítima de se alcançar o triunfo, pois era «uma cousa bela, ganhar, meus amigos! O amor próprio é a avalanche do mundo!», não deixava de enquadrar no devido lugar o objetivo do triunfo, interrogando: «É uma vitória rendosa, de um domínio material? Não. Na imensa maioria, vós, não sois profissionais. É um domínio simbólico, uma vitória ideal... uma satisfação de alma».<sup>31</sup>

---

<sup>27</sup> Lucien Romier, cit. in *Os Sports*, 3 de setembro de 1928, p. 1.

<sup>28</sup> *Ibidem*, p. 1.

<sup>29</sup> *Ibidem*, p. 1.

<sup>30</sup> *Ibidem*, p. 1.

<sup>31</sup> Marcel Berger, cit. in *Os Sports*, 27 de julho de 1928, p. 1.

Do ponto de vista de Berger, a vitória deveria ser acompanhada de uma magnanimidade cívica, moral e ética. A honra e a glória adquiridas através de uma atividade física não seriam mais do que uma abstração que, em função da lisura manifestada, poderiam ser sinónimo de nobreza. A admiração pelo sucesso, não deixando de ser uma aspiração legítima, seria comemorada com maior propriedade se acompanhada de um espírito leal e humilde. Berger reforçaria a importância de educar os jovens para o espírito desportivo, papel que caberia a federações, clubes e «instrutores de todas as escolas! Eis também o nosso papel! Palavras que eu desejaria ver inscritas... “É bom ganhar, mas há melhor”».<sup>32</sup>

É neste enquadramento que se defende que ganhar não é tudo. Existe uma preocupação de educar, praticantes e adeptos, para a correta prática e acompanhamento do fenómeno desportivo e da verdadeira educação física.

Não se negava que ganhar seria, obviamente, o desígnio último e legítimo de um desportista. Mas não a qualquer custo, pois a vitória deveria ser alcançada com elevação física, mas também moral, uma vez que «alcançada sem nobreza, sem elevação, sem cortesia, é pior que uma derrota. É a derrota de todos os princípios desportivos».<sup>33</sup>

Nesse contexto, sem desculpabilizar desportistas e espetadores, apontava-se os dirigentes como principais culpados pelas transgressões desportivas, pois esses, pelo cargo ocupado, teriam maiores responsabilidades educativas.

Acreditava-se, porém, apesar destes exemplos menos abonatórios, que a educação física e a prática desportiva funcionaria como um instrumento de elevação moral.

O também jornalista francês, Jean Kery, acreditava que os bons hábitos alcançados através da prática desportiva seriam transpostos para os restantes momentos da vida e que os jogos corporais educariam o cidadão para «combater de rosto descoberto e tomar a responsabilidade dos seus atos em matéria política, civil ou comercial».<sup>34</sup>

O mesmo jornalista defendia que o desporto alteraria a atual ausência de moralidade pública e que substituiria as ações irresponsáveis tomadas por personagens que criavam, «para seu proveito, uma espécie de desdobramento da personalidade».<sup>35</sup>

A educação física ajudaria os indivíduos a assumirem as suas responsabilidades sem se escudarem no exercício de qualquer profissão socialmente mais aceite. A moral comumente partilhada seria transversal a todos os cidadãos, não se podendo subdividir em função das atribuições particulares de cada indivíduo.

Uma vez que o «ciúme e a desonestidade não se admitem em matéria desportiva. Não se desculpa nunca» também os tribunais se deveriam inspirar no «espírito desportivo», contribuindo para «restituir todo o seu valor à consciência individual».<sup>36</sup>

---

<sup>32</sup> Idem, cit. in *ibidem*, p. 1.

<sup>33</sup> *Ibidem*, 24 de setembro de 1928, p. 1.

<sup>34</sup> Jean Kery, cit. in *Os Sports*, 6 de agosto de 1928, p. 1.

<sup>35</sup> Idem, cit. in *ibidem*, p. 1.

<sup>36</sup> *Ibidem*, p. 1.

A intransigente defesa da educação física e do espírito desportivo seria explicitada por *Os Sports*, a propósito do início da época desportiva de futebol, ao afirmar que o «jornal, cumprindo inflexivelmente o seu programa, condena e condenará com energia todos os excessos... adotando... todos os meios que estiverem ao seu alcance. (...) Serão principalmente os dirigentes que chamaremos à barra... São os bons capitães que fazem os bons soldados».<sup>37</sup>

### O futebol como exemplo educativo

Em Portugal, o futebol surgia, em algumas ocasiões, associado a casos de indisciplina. A ânsia da conquista e os clubismos promoviam, muitas vezes, a violência entre jogadores, a que o público acrescentaria ainda maior intensidade.

As atitudes antidesportivas acabavam por unir amantes e críticos da modalidade na censura à luta da vitória pela vitória, sem olhar aos meios para atingir esse fim.

Os comportamentos desajustados denegriam as virtudes do desporto, prejudicando o seu desenvolvimento e imagem, tornando negativa a «utilidade do desporto, enquanto espetáculo», não ganhando «ninguém com essa forma de fazer desporto, ou antes, com “esse processo antipático de fazer desporto”».<sup>38</sup> Neste sentido, o desporto enquanto espetáculo corria o risco de perder a sua essência educativa.

Neste período, e apesar de a modalidade não ser valorizada por grande parte da classe política e dos intelectuais, o futebol, auxiliado pelo destaque concedido pela imprensa, começava a ganhar em Portugal algum impacto social.

Os jornais desportivos vertiam nas suas páginas um incremento da modalidade por todo o país, particularmente no que diz respeito ao número de adeptos, uma vez que o número de praticantes não crescia na mesma proporção. A este propósito, Pierre Dominique, afirmaria que quando 20.000 adeptos assistiam aos exercícios de duas equipas, o desporto só traria vantagens para os jogadores, pelo que «valeria mais que 10.000 espetadores fizessem simplesmente, nesse dia, uma marcha de dez quilómetros numa boa estrada, ou então que cavassem o seu quintal».<sup>39</sup>

Se existia uma reduzida predisposição individual para o exercício desportivo, havia também quem defendesse que, por falta de uma boa preparação prévia, a prática do futebol poderia tornar-se mesmo contraproducente. Faria de Vasconcelos verificaria que «pela brutalidade, pela indisciplina, pela nervosidade, pela ininteligência que neles se revelam, que os jogadores não têm a compleição, a resistência o vigor, a preparação, a cultura física e o treino indispensável para exercícios de tal natureza».<sup>40</sup>

Deste modo, apesar da crescente popularidade da modalidade, o reduzido número de praticantes não seria representativo de um maior exercício físico por parte da

---

<sup>37</sup> *Ibidem*, p. 1.

<sup>38</sup> *Ibidem*, 24 de setembro de 1928, p. 1.

<sup>39</sup> Pierre Dominique, cit. in Neves Reis, *ibidem*, p. 1.

<sup>40</sup> Faria de Vasconcelos, cit. in Neves Reis, *Os Sports*, 20 de abril de 1928, p. 1.

população em geral. Mais ainda, a sua prática traria, inclusive, resultados nefastos devido à ausência de preparação física dos seus jogadores.

Neste contexto, Artur Rebelo de Almeida, professor de Educação Física, aproveitaria para analisar a relação entre a prática do futebol e a realidade física dos portugueses. A tese “O football tornado perigo social” foi elaborada para o Exame de Estado do Curso Normal de Educação Física, a partir dos dados recolhidos através das fichas médicas dos jogadores da Associação de Futebol de Lisboa (AFL). Aquele estudo alertava para o perigo do exercício da modalidade «por indivíduos que estão longe de possuir aquele mínimo de condições físicas que se torna necessário exigir para que essa prática não seja considerada um verdadeiro crime».<sup>41</sup>

Partindo da premissa que os vigorosos exercícios desportivos não deveriam ser praticados por jovens inaptos, Rebelo de Almeida defendia que o desporto deveria ser praticado «pelos fortes e nunca com o intuito de fazer fortes!», acabando por concluir que o futebol era «uma epidemia que forçando corações, rouba ao Estado, não só os soldados que precisa, mas ainda os braços indispensáveis ao desenvolvimento económico do país».<sup>42</sup>

Deste modo, no que diz respeito à educação física, ter-se-ia começado pelo fim, pois é interessante observar esta visão que demonstrava que, sem a devida preparação, o futebol não serviria para melhorar as capacidades físicas dos portugueses e a sua produtividade, alcançando mesmo um resultado inverso.

Este autor, não seria contra a prática da modalidade, mas antes desfavorável à desregulação do seu exercício e a uma especialização que poderia alterar a harmonia funcional. Reconhecia no futebol, para além de qualidades físicas, também propriedades educativas e morais, pelo que a sua prática ajustada teria reflexos positivos contra as doenças sociais, trazendo «um acréscimo de imunidade para a tuberculose, como também os rouba à taberna», ao mesmo tempo que lhes cria novos «hábitos e necessidades, não só os da vida ao ar livre como também os da função associativa».<sup>43</sup>

Deste modo, se estruturado previamente, o futebol traria vantagens educativas, morais, físicas, fisiológicas, e fomentaria a vida regrada e cooperativa.

A análise de Rebelo de Almeida aos 1164 jogadores medicamente inspecionados na AFL, possibilitou verificar que quase dois terços dos atletas (785) eram operários, sendo os restantes da área dos serviços (269), estudantes (66), e elementos do exército e da marinha (44). Os dados permitiriam perceber que seria o grupo maioritário – os operários – aquele que apresentava os piores índices físicos. A média de idades de todos os jogadores revelava-se inferior a 22 anos, podendo inferir-se que a vida desportiva dos atletas seria reduzida, em função da especialização requerida e da frágil preparação física dos seus praticantes.<sup>44</sup>

Entre as medidas preconizadas por Rebelo de Almeida para uma saudável prática desportiva, encontravam-se a criação, por parte dos clubes: de ginásios e piscinas, como

---

<sup>41</sup> Rebelo de Almeida, cit. in *Os Sports*, 13 de agosto de 1928, p. 1.

<sup>42</sup> Idem, cit. in *ibidem*, p. 1.

<sup>43</sup> Idem, cit. in *ibidem*, p. 1.

<sup>44</sup> Cf. *ibidem*, p. 1.

complemento dos seus campos; a inclusão obrigatória de classes de ginástica; a criação de escolas, de trabalhos manuais e de grupos de escoteiros.<sup>45</sup>

De aplicabilidade difícil, tais medidas partiam do pressuposto de que também os clubes deveriam ser chamados a combater o elevado analfabetismo reinante, a estimular a criatividade da juventude e a desenvolver a organização e o cumprimento de regras, naquele que seria um investimento para o futuro cidadão que projetaria a pátria e para o militar que defenderia a nação.

Em ano de Jogos Olímpicos – Amesterdão, 1928 – não poderiam faltar referências ao acontecimento, enquanto se refletia sobre a relevância nacional da educação física e do desporto.

Os Jogos Olímpicos surgiam como concretização do internacionalismo, como um instrumento de harmonia entre os povos que, representados pelas suas embaixadas de desportistas, promoveriam a comunhão global, «num propósito altruísta de estreitamento de relações entre os países de todo o mundo».<sup>46</sup>

A competição desportiva olímpica incorporaria uma representação física, mas também moral, intelectual e territorial dos povos, favorecendo ainda a unidade nacional.

Na inauguração do Torneio Olímpico de Futebol de Amesterdão, em 1928, Jules Rimet sublinharia que o Torneio era uma «escola de disciplina, de abnegação» e que, da prática desportiva, emergia uma «lição de solidariedade e até de altruísmo, que faz do football uma escola maravilhosa de aperfeiçoamento moral».<sup>47</sup> Valorizava, assim, a essência do desporto como vertente de uma educação cívica.

No caso português, a sua seleção nacional de futebol iria contribuir, através da retórica discursiva da imprensa, para a referida representação física e de unidade territorial.

Os resultados da seleção no Torneio Olímpico, alicerçados por outros bons resultados obtidos previamente no ano de 1928, concorrerem para o entusiasmo da população perante o fenómeno desportivo e para a exaltação de um sentimento patriótico, sentimento que se alastraria entre os amantes da atividade física mas também nos indiferentes pela causa desportiva.

O entusiasmo seria assim um reflexo do genuíno interesse no sucesso físico e/ou pela propaganda à sua pátria daí resultante.

As apoteóticas receções aos jogadores da seleção de futebol aquando do seu regresso a Portugal sublinhariam a grande influência social e política da prática desportiva. O sucesso internacional da seleção irmanava as classes e forçava os «mais rebeldes a aceitar a prática dos exercícios físicos... convencidos da expansão enorme alcançada pela “vida ao ar livre”», o que se revelaria uma força para o país, constituindo o desporto uma «das manifestações da atividade nacional, com cuja influência é indispensável contar».<sup>48</sup>

---

<sup>45</sup> Cf. *ibidem*, p. 1.

<sup>46</sup> Neves Reis, *Os Sports*, 25 de maio de 1928, p. 1.

<sup>47</sup> *Ibidem*, 11 de junho de 1928, p. 1.

<sup>48</sup> Luís Martins, *Os Sports*, 15 de junho de 1928, p. 1.

A própria imprensa, ancorada nas proezas dos exercícios físicos, acabaria por contribuir para sublinhar e potenciar a importância dos desportos e da sua representação social, cultural e política.

Na procura dos responsáveis pela proeza do futebol em Amesterdão, e para além dos jogadores, os jornalistas não esqueceriam os dirigentes federativos e a equipa técnica nacional que também teriam contribuído para a glória do desporto e da nação. O reconhecimento fundiria a educação física com a vertente cerebral, afirmando que a energia despendida pelos atletas foi complementada com «o esforço dos dirigentes, o esforço intelectual tão fatigante como o muscular», pelo que deveria louvar-se também aqueles que contribuíram através «da sua inteligência, do seu fino tato diplomático, para que Portugal saísse do torneio de Amesterdão coberto de glória, envolto de prestígio, respeitado e admirado em todo o mundo».<sup>49</sup>

Através da educação e do exercício físico, o desporto ultrapassaria o seu âmbito desportivo, tornando-se um verdadeiro agente de representação territorial da nação.

E, em última instância, a eficácia de uma boa representação desportiva estaria dependente da destreza física e intelectual, concorrendo ambas para os bons desígnios da representação nacional, complementando-se na linha da mente sã em corpo são.

O mérito da participação portuguesa não seria, no entanto, extensível ao poder político que praticamente nada tinha feito «em benefício da causa desportiva e a quem os assuntos de educação física não têm merecido grande atenção».<sup>50</sup> Criticava-se, deste modo, a ausência, por parte do Estado Português, de investimento na educação física, apesar dos méritos desportivos e políticos que o seu sucesso encerrava, através das suas competições internacionais.

Também Ribeiro dos Reis sublinharia, após o Torneio de Amesterdão, a propaganda que o futebol tinha proporcionado ao país e que os poderes políticos não deveriam ignorar. Defendia que a propaganda do país não deveria assentar apenas em processos burocráticos. Este jornalista reforçaria a tónica da relação entre a cultura mental e física como fundamentais para o desenvolvimento dos povos. Deste modo, a afirmação de Portugal entre os povos seria alcançada através da «medida exata da nossa inteligência e dos nossos músculos» e demonstrada «por meio das nossas embaixadas de cientistas ou de desportistas, de homens que se mostrem capazes de vencer na tribuna dos conferencistas e nos estádios onde a força e a destreza imperam como rainhas».<sup>51</sup>

### A defesa da generalização da educação do corpo

Após a participação portuguesa nos Jogos Olímpicos, o ex-ministro Vasco Borges, teceria algumas opiniões sobre a representação desportiva portuguesa em Amesterdão,

---

<sup>49</sup> Ibidem, 22 de junho de 1928, p. 1.

<sup>50</sup> Ibidem, 6 de julho de 1928, p. 1.

<sup>51</sup> Ribeiro dos Reis, *Os Sports*, 9 de julho de 1928, p. 1.

veiculadas no periódico *Diário de Notícias*, as quais seriam recuperadas por Neves Reis, no jornal *Os Sports*.

Vasco Borges, ao mesmo tempo que se regozijava pelos resultados obtidos por alguns portugueses – esgrimistas, cavaleiros, futebolistas – relativizava também os seus feitos, uma vez que eles seriam a exceção dos resultados e não corresponderiam a uma generalizada cultura física da população portuguesa, interrogando-se, por isso, se existiria «motivo para o chauvinismo nacional, de tão fácil fervedura, proclamar orgulhoso o vigor da raça?».<sup>52</sup>

Defendia a ideia de que a emergência de atletas de eleição não seria conseguida de forma espontânea, mesmo se portadores de alguma aptidão intrínseca. Seria uma metodologia assente na educação física ordenada que permitiria a generalização da robustez física aos portugueses e não apenas o aparecimento de um prodígio isolado, pois no sentido «sob o qual o desporto verdadeiramente interessa à coletividade, como índice do vigor físico da raça, esse campeão não representa absolutamente nada».<sup>53</sup>

No seu artigo, e a partir de um texto de Eduardo Puhl publicado num jornal de Genebra, fazia ainda referência aos bons exemplos praticados na Alemanha. Segundo Puhl, o povo alemão tinha por objetivo desenvolver desportivamente, através da educação física, toda a população e não apenas alguns indivíduos. Para alcançar tal desiderato, os alemães reservariam no seu orçamento valores consideráveis para o fomento da educação física, através de infraestruturas de apoio, mas também de uma organização técnica, estando «o quadro dos seus professores, monitores e dirigentes, perfeitamente à altura da beleza da sua missão».<sup>54</sup>

Tendo a organização da cultura física como exemplo, defendia-se que a educação do corpo deveria ser ministrada a toda a população, desenvolvida em ambiente familiar e na escola.

Criticava-se, no caso português, a conceção desportiva vigente, do desporto especializado como espetáculo e sem uma preparação prévia e generalizada. O desporto estava a tornar-se um “fim”, quando o «exercício deve ser um “meio” para criar um homem».<sup>55</sup>

O sucesso e o espetáculo desportivo serviria para criar heróis e como incentivo à prática da educação física, mas para os pedagogos «os campeonatos só interessam aos indivíduos já fortes» pois a «grande massa dos medianamente fortes e dos fracos» uma vez que «a prática dos desportos, desordenada, sem preparação, sem fiscalização, só os prejudica».<sup>56</sup>

Considerava-se, desta forma, que o desporto-espetáculo e a sua especialização, só servia a alguns, pelo que os seus sucessos internacionais adviriam de casos isolados que não seriam reflexo da cultura física da população em geral.

---

<sup>52</sup> Vasco Borges, cit. in *ibidem*, 24 de agosto de 1928, p.1

<sup>53</sup> *Idem*, cit. in *ibidem*, p. 1.

<sup>54</sup> Eduardo Puhl, cit. in Vasco Borges, cit. in *ibidem*, p. 1.

<sup>55</sup> *Os Sports*, 24 de agosto de 1928, p.1.

<sup>56</sup> *Ibidem*, p. 1.

Assim, e ainda segundo Vasco Borges, o desporto deveria dar também voz aos «pedagogos, aos higienistas e fisiologistas» de modo melhorar as condições físicas do indivíduo «e da sua descendência e, sem isso, sem alcançar-se o aumento da resistência física de todos, poderá aparecer um ou outro português destro, mas privado sempre do coeficiente geral de resistência que garanta vitalidade à raça».<sup>57</sup>

A educação física revelar-se-ia fulcral para uma vitalidade mental, produtiva e perpetuadora da raça portuguesa e do seu território continental, insular e colonial.

Defendia-se, nas páginas de *Os Sports*, o método natural de educação física de Georges Hébert – tenente da marinha francesa – e desenvolvido pelo professor francês, Roberto Lafitte. Através de artigos na imprensa – *L'Education Physique*, *L'Education* e *Le Muscle* – Lafitte procedia à divulgação do método de Hébert, «ligando estreitamente a educação física, pelo método natural, à formação viril e moral dos indivíduos».<sup>58</sup>

Para Lafitte, o indivíduo tinha o dever de zelar pela beleza da natureza, começando pela beleza humana. Deste modo, o cidadão não teria o direito de ser menos belo quanto poderia ser, pois «o facto de não conservarmos fisicamente uma “boa forma” seria o mesmo que amputar «de certo modo uma parte da nossa vitalidade»».<sup>59</sup>

Por outro lado, também os cuidados de higiene contribuiriam para uma boa cultura física. Se um corpo enfermo se tornaria tirânico pelos cuidados exigidos, já uma higiene rotineira colocaria «ao serviço da vida faculdades em perfeito estado de funcionamento e de rendimento, uma energia física e moral gerada na disciplina de uma existência sã».<sup>60</sup>

A beleza física revelava-se a beleza de todo o corpo, trabalhado através da educação física disciplinada que permitiria garantir um trabalho e uma produtividade física plena.

A concretização de uma sociedade fisicamente mais apta adviria da cultura do ar livre e de um maior número de praticantes do que de adeptos. Desse modo, os cidadãos «conhecerão o seu corpo e terão por ele o respeito que lhe devem. Compreenderão que têm o dever de ser belos».<sup>61</sup> O conceito do belo surgia, assim, associado mais a um eficiente funcionamento orgânico do que a uma interpretação estética.

## Conclusão

Esta investigação, sendo uma visão parcelar efetuada a partir do olhar da imprensa especializada, pretendeu contribuir para aferir de que forma a educação física e desportiva era tida em consideração dentro da dimensão da educação integral e enquanto fator de representação territorial.

No final dos anos 20 e particularmente no ano de 1928, a educação física e a sua boa prática surgia como uma preocupação do jornal *Os Sports* e, em especial, do seu

---

<sup>57</sup> Vasco Borges, cit. in *ibidem*, p. 1.

<sup>58</sup> Roberto Lafitte, cit. in *ibidem*, 17 de setembro de 1928, p. 1.

<sup>59</sup> *Idem*, cit. in *ibidem*, p. 1.

<sup>60</sup> *Idem*, cit. in *ibidem*, p. 1.

<sup>61</sup> *Idem*, cit. in *ibidem*, p. 1.

periodista Neves Reis. Nas páginas de *Os Sports* defendia-se que a propaganda da educação física e desportiva seria urgente em Portugal e educava-se para uma cultura do corpo que melhoraria todas as vertentes da vida.

Nesta visão, e no limite, a educação física contribuiria para a sã convivência de um povo respeitador e respeitado, englobado num Estado ordeiro onde, em última análise, a «própria ordem social depende do estado físico do povo».<sup>62</sup>

A instrução da juventude alcançar-se-ia também através do estabelecimento da cultura física nas escolas. A este respeito Neves Reis afirmava que «a ginástica racional – a educação física numa palavra – deve ser ministrada, a par da educação literária e científica».<sup>63</sup>

Na perspetiva de *Os Sports*, a educação física e desportiva estaria ao serviço do corpo, mas também da mente e do espírito. Também as regras desportivas e a sua aplicabilidade seriam tidas como um tubo de ensaio para a formação integral do indivíduo, para a retidão, a educação cívica e moral, para a vivência de uma democracia saudável e para a honestidade intelectual.

Existia, deste modo, uma valorização da educação física enquanto contributo para uma educação plena, educação essa que concorreria, simultaneamente, para a saudável convivência cívica, para o desenvolvimento do país, e para a defesa e boa representação da nação.

Esta visão da prática desportiva como representação nacional seria também manifestada através da retórica discursiva elaborada após a conclusão do Torneio Olímpico de Futebol de Amesterdão. Com efeito, neste torneio seriam destacadas «as virtudes de uma raça que o estrangeiro pretende ignorar» afirmando-se que «esta raça de povo pequeno possui uma alma que os grandes povos poderão com justiça invejar».<sup>64</sup> Exultava-se a raça portuguesa e suas qualidades físicas. A prática desportiva revelava a sua capacidade como agente unificador de classes, de identidades e de pertença ao território e à nação.

Verificou-se, em conclusão, que a premissa do incentivo a uma boa cultura física advinha das inúmeras vantagens da prática desportiva, contribuindo para que a educação física e desportiva emergisse como uma componente da educação integral e para a própria representação nacional.

---

<sup>62</sup> *Ibidem*, 3 de agosto de 1928, p. 1.

<sup>63</sup> Neves Reis, *Os Sports*, 8 de fevereiro de 1928, p. 1.

<sup>64</sup> *Os Sports*, 11 de junho de 1928, p. 1.

## Fontes impressas:

- Os Sports*, 25 de janeiro de 1928, p. 1.  
*Os Sports*, 8 de fevereiro de 1928, p. 1.  
*Os Sports*, 9 de abril de 1928, p. 1.  
*Os Sports*, 20 de abril de 1928, p. 1.  
*Os Sports*, 20 de abril de 1928, p. 1.  
*Os Sports*, 20 de abril de 1928, p. 1.  
*Os Sports*, 25 de maio de 1928, p. 1.  
*Os Sports*, 11 de junho de 1928, p. 1.  
*Os Sports*, 15 de junho de 1928, p. 1.  
*Os Sports*, 22 de junho de 1928, p. 1.  
*Os Sports*, 6 de julho de 1928, p. 1.  
*Os Sports*, 9 de julho de 1928, p. 1.  
*Os Sports*, 27 de julho de 1928, p. 1.  
*Os Sports*, 3 de agosto de 1928, p. 1.  
*Os Sports*, 3 de agosto de 1928, p. 1.  
*Os Sports*, 24 de agosto de 1928, p. 1.  
*Os Sports*, 24 de agosto de 1928, p. 1.  
*Os Sports*, 24 de agosto de 1928, p. 1.  
*Os Sports*, 3 de agosto de 1928, p. 1.  
*Os Sports*, 6 de agosto de 1928, p. 1.  
*Os Sports*, 13 de agosto de 1928, p. 1.  
*Os Sports*, 3 de setembro de 1928, p. 1.  
*Os Sports*, 17 de setembro de 1928, p. 1.  
*Os Sports*, 24 de setembro de 1928, p. 1.

## Bibliografia:

- COELHO, João Nuno – *Portugal, a Equipa de Todos Nós – Nacionalismo, Futebol e Media*. Porto: Edições Afrontamento, 2001. 239 p. ISBN 972-36-0581-3.
- COELHO, J. N.; FRANCISCO, P. – *A Paixão do Povo: História do Futebol em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento, 2002. 712 p. ISBN 972-36-0624-0.
- DOMINGOS, Nuno – “O Gesto no Jogo”. In NEVES, José; DOMINGOS, Nuno – *A Época do Futebol. O Jogo Visto Pelas Ciências Sociais*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004. ISBN 972-37-0908-2. p. 305-328.
- GARCIA, Rui Proença – “De um Desporto sem Ideologias para Um Desporto com Ideias”. In BENTO, Jorge Olímpio; CONSTANTINO, José Manuel (Coord.) – *O Desporto e o Estado – Ideologias e Práticas*. Lisboa: Edições Afrontamento, 2009. ISBN 978-972-36-1024-6. p. 309-325.
- GRABER, Doris – “Mediated Politics and Citizenship in the twenty-first century”. *Annual Review of Psychology*. Vol. 55. 2004. p. 545-571.
- KUMAR, Rahul – “Da Bancada aos Sofás da Europa – Apontamentos sobre os Média e o Futebol no Século XX Português”. In NEVES, José; DOMINGOS, Nuno – *A Época do Futebol. O*

- Jogo Visto Pelas Ciências Sociais*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004. ISBN 972-37-0908-2. p. 231-262.
- PINHEIRO, Francisco – “Futebol e Política na Ditadura – Factos e Mitos”. In TIESLER, Nina Clara; DOMINGOS, Nuno – *Futebol Português – Política, Género e Movimento*. Porto: Edições Afrontamento, 2012. ISBN 978-972-36-1242-4. p. 47-82.
- PINHEIRO, Francisco – *História da Imprensa Desportiva em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento, 2011. 478 p. ISBN 978-972-36-1140-3.
- NEVES, José – “As Chuteiras Não Têm Pátria – Futebol, Nacionalismo e Tempo”. In NEVES, José; DOMINGOS, Nuno – *A Época do Futebol. O Jogo Visto Pelas Ciências Sociais*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004. ISBN 972-37-0908-2. p. 55-102.
- NEVES, José; DOMINGOS, Nuno – *Uma História do Desporto em Portugal – Corpo, Espaços e Média*. Vol. I. 1ª ed. Vila do Conde: QuidNovi, 2011. ISBN 978-989-544-887-3. p. 7-24.